

SETE PRINCÍPIOS: PASSOS A SEGUIR PARA TER UMA FAMÍLIA COM VÍNCULOS DE AMOR.

Não existe garantia nenhuma para criarmos filhos perfeitos. Talvez você possa ser o melhor pai ou a mãe mais carinhosa do mundo, ler todos os livros sobre como educar os filhos, pôr em prática todos os princípios sobre educação, seguir todos os conselhos e obedecer cada recomendação que lhe for dada, e mesmo assim, ter filhos que, quando crescerem, se afastem de você ou abandonem suas crenças para depois o fitarem diretamente aos olhos e lhe dizerem: “Odeio você”, e a seguir, caírem nas drogas, ou bem, as meninas ficarem grávidas.

O mais importante não são as estratégias que você empregue para criar os filhos nem a maneira em que você ensine a verdade ou a informação que lhes dê, mas o contexto em que tudo isto se pratique. É nos vínculos de amor, e só nos vínculos de amor, que poderão estes princípios crescer e criar raízes. Efésios 6:4 diz: “Pais, não irrite seus filhos, antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor” (NVI-PT). As regras sem uma relação de amor com os filhos, não passam de ser uma simples provocação! E quando o tema a tratar com os filhos for o sexo, se você não tiver uma relação de afeto e proximidade com eles, toda tentativa será contraproducente. O mesmo

acontece com a verdade, sem um vínculo de amor com os filhos, ela será rejeitada. Levantamentos recentes revelaram que: “Provavelmente os adolescentes, muito próximos dos pais, se sintam mais à vontade para falar com eles sobre sexo e conversar do que acontece com eles, além de se sentir mais influenciados pelos valores dos pais ou compreender melhor as expectativas que seus pais tem enquanto a seu comportamento sexual na adolescência”. As verdades sobre a moral sexual são verdades relacionais. Isto é, devemos ensiná-las dentro do contexto das nossas próprias relações pessoais com nossos filhos. A verdade em um contexto de relação produz uma resposta positiva, entanto que as regras sem um vínculo de amor só levam à rebelião, especialmente no referente ao sexo.

Grande parte dos estudos e pesquisas mostra que uma relação com estreitos vínculos de amor entre o pai e a filha está relacionada com a redução do risco de gravidez na adolescência. É mais provável que os adolescentes próximos aos pais se abstenham de qualquer prática sexual e posponham o coito. Isto novamente evidencia que é o vínculo de amor que temos com os filhos, e não as regras do que ele pode ou não fazer, ou um ultimato carente de sentido, o que propicia que o coração do filho aceite a verdade, assim como também o conselho que o pai lhe der. Pense que estes vínculos de amor, entre o pai ou a mãe com o filho, são como a terra fértil e a água que farão germinar as sementes destes princípios. Um vínculo de amor acabará com a resistência que o filho possa manifestar perante o conselho e a educação que você lhe der. Um vínculo de amor fará o filho voltar mesmo se estiver afastado de você ou de Deus.

Pesquisas recentes também revelaram que “o comportamento negativo do adolescente pode ser evitado se fortalecermos, desde cedo, os vínculos de amor da família e promovermos uma dinâmica familiar sadia”. É melhor criar estes vínculos de amor e proximidade com os filhos desde que eles são crianças, pois assim ajudá-los-emos a evitar feridas e cicatrizes causadas por sua desobediência ou decisões erradas. Em ocasiões, nós só aprendemos estas verdades quando já consumimos muitos anos da nossa vida.

Segundo a revista Journal of the American Medical Association (Associação Médica Americana): “É provável que os adolescentes que sintam uma maior proximidade com os pais, se sintam também mais à vontade para falar com eles sobre tudo o relacionado com sexo, pois ao compartilharem os mesmos valores e ao se sentirem compreendidos, os filhos também compreenderão o que esperam os pais deles em termos de comportamento sexual”.

Para todos aqueles pais cujos filhos já não são pequenos ou adolescentes, quero lhes dizer o seguinte: **Nunca é tarde demais!** Nenhum pai é velho demais; nenhum filho está afastado demais; nenhum relacionamento está definitivamente acabado para recuperar o tempo perdido, remoçar o coração, redimir o rebelde e restaurar o relacionamento. (O Filho Pródigo já era um homem quando voltou à casa paterna; Santo Agostinho tinha mais de 30 anos quando recebeu a salvação, depois da mãe dele ter orado anos inteiros).

Ao compreendermos e imitarmos a maneira em que Jesus Cristo nos ama, nós também poderemos amar os outros sem esperar

receber nada em troca. O objetivo não é criarmos filhos com princípios morais, que obedecem regras e façam mais fácil a nossa vida; o objetivo é amar da mesma maneira em que Cristo nos amou e, assim, obedeceremos o Maior Mandamento e a Grande Comissão (Mateus, capítulos 22 e 28). Simplesmente nós fomos chamados para dar o mesmo que nos foi dado por meio de Jesus Cristo, morrer para nós mesmos e viver motivados pelo amor de Cristo (2 Coríntios 5:14). Ainda que não sejamos a única influência nos filhos, sim podemos ser os que mais influímos neles. Quando você caminhar pelos trilhos da paternidade, as feridas da sua meninice far-se-ão visíveis, seu coração pecaminoso será exposto e as deficiências por ter vivido de maneira imperfeita neste mundo abatido, também serão evidentes. Não desanime! Ao lidar com seu próprio fardo de pecado e dor, Deus abrirá o caminho para que você possa receber, na maior plenitude, seu amor e sua redenção, permitindo assim você amar os filhos com maior liberdade. Vejamos quanto Cristo nos ama e como temos sido chamados a amar os filhos.

Por que é tão importante estabelecer um relacionamento com vínculos de amor com os filhos, que dizer, amá-los da mesma maneira em que Cristo nos ama? A Campanha Nacional para a Prevenção de Gravidez não Planejada em Adolescentes nos Estados Unidos, após anos de ajuda a famílias para elas lidarem com problemas de índole sexual, concluiu que: "... é mais provável que os adolescentes que tenham uma proximidade com os pais se abstenham de ter qualquer tipo de relacionamento sexual e posponham o coito..."

Dottie: “Meu marido Josh, sempre diz: ‘As regras sem uma relação de amor, conduzem à rebeldia’. Isto quer dizer que, só dentro de um contexto onde existam vínculos de amor e apoio, as regras serão mais eficazes e respeitadas; o que não acontece em uma relação onde faltam o afeto e a aceitação genuínos”.

Pode ser que estejamos formando uma criança de poucos anos ou um adolescente, a idade não interessa, o fundamento para poder formá-lo de maneira efetiva está diretamente relacionado com a qualidade do relacionamento que já tenhamos estabelecido com esse filho. E, obviamente, a responsabilidade do desenvolvimento de um vínculo positivo está, em primeiro lugar, nas mãos do pai.

Efésios 6:4, diz: “Pais, não irrite seus filhos...” As regras sem um vínculo de amor provocarão a ira de um filho. Se você quer falar com seus filhos sobre sexo e não tem um relacionamento afetuoso e estreito com eles, a tentativa será contraproducente e o impacto será limitado. Os filhos farão exatamente o contrário. O versículo acrescenta: “... antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor” (NVI-PT). Este versículo ordena que os pais instrua os filhos.

Eu percebi que o fato de estabelecer vínculos de amor com meus filhos, desde que eles eram crianças, foi fundamental para curtir relações maravilhosas e sadias agora que eles são adultos. Você pode ajudar a criar este tipo de vínculos com seus filhos ao refletir no que eu chamo os Sete Princípios. Nestes princípios estão incluídos: a

afirmação, a aceitação, o apreço, a disponibilidade, o afeto, a aproximação e a **rendição de contas de maneira responsável**.

AFIRMAÇÃO

Em João 11, lê-se sobre a morte de Lázaro, um dos melhores amigos de Jesus, o irmão de Marta e de Maria. Jesus não só sentiu a perda do amigo, como também Ele validou a dor de Marta e de Maria ao chorar com elas. Repare no que o texto diz: “Jesus, pois, quando a viu chorar, e chorarem também os judeus que com ela vinham, comoveu-se em espírito, e perturbou-se, e perguntou: Onde o puseste? Responderam-lhe: Senhor, vem e vê. Jesus chorou” (João 11:33-35 AA). Em Gênesis 21, Agar identifica Deus como “O Vivente que me vê”. Nos Salmos, Davi clama a Deus: “Registra, tu mesmo, o meu lamento; recolhe as minhas lágrimas em teu odre; acaso não estão anotadas em teu livro?” (Salmo 56:8 NVI-PT). Esta é a maneira na que Deus nos afirma: Ele reconhece que olha nossa dor e chora conosco, da mesma maneira em que partilha a nossa alegria (Sofonias 3). Como nós fomos chamados a dar testemunho desta afirmação feita por Deus?

O versículo Romanos 12:15 faz parte de um parágrafo que descreve como é o amor, e este versículo explica como afirmar nossos filhos. Diz: “Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram” (NVI-PT). Afirmar significa “validar ou confirmar”. E, ainda que

nem sempre compreendamos os sentimentos dos filhos, mesmo assim podemos validar os sentimentos deles. Os sentimentos de uma criança são um reflexo de sua experiência pessoal e de seu mundo interior. Os sentimentos representam sua realidade, e quando tentamos compreender essa realidade, construímos uma ponte de comunicação. Quando afirmamos os sentimentos de nossos jovens lhes damos um sentido de autenticidade. A afirmação dos seus sentimentos lhes confirma que são pessoas amadas com sentimentos válidos. Quando nos identificamos com seu entusiasmo ou desilusão, eles ficam sabendo que nos importam e que compreendemos quem eles são realmente. É uma das maneiras mais efetivas para nos identificar com nossos filhos, e eles ficam convictos de que os conhecemos e de que são aceites.

Mas, nem sempre é fácil mostrar apreço pelas emoções dos adolescentes e, ao mesmo tempo, afirmar o que nós poderíamos considerar como algo tolo ou dramático. As respostas frequentes e naturais para lidar com as emoções de um jovem, amiúde são mais uma barreira do que uma ponte. Sempre existe a tentação de “consertar” a causa de sua confusão emocional com respostas do tipo: “Há três coisas que você podia ter feito...”; ou animá-lo a não reparar no acontecido, lhe dizendo: “Não deixe que isto perturbe você!”. Em ocasiões os pais empregam o recurso de culpar alguém pelo acontecido: “Sua amiga deve ser insegura e por isso, a sus costas, fala mal de você”. E em repetidas ocasiões o fazemos sentir culpável com palavras como estas: “Você deveria ler o versículo...” Alguma vez, alguém já respondeu você com alguma destas frases? Como foi

que você se sentiu? Anulado? Errado? Culpável? Como se VOCÊ fosse o problema?

Um momento crucial para que eu compreendesse o que é a afirmação, se deu em uma conversa que tive com minha mulher depois de que uma das suas amigas lhe disse algo que a magoou. Minha resposta natural teria sido uma das quatro que acabo de mencionar, mas, por alguma razão, lhe respondi de uma maneira que a afirmou. Disse-lhe: “Sinto muito, querida. Isso deve ter magoado mesmo você. De verdade, sinto muito...” Então, ela respondeu de uma maneira que me surpreendeu! Abraçou-me do pescoço e me disse: “Obrigada!!!” Que resposta fantástica! Ela nunca tinha respondido dessa maneira quando lhe dei citações bíblicas para que meditasse sobre elas ou quando tentei “concertar” seus problemas. Nesse momento aprendi que viver a Bíblia tem peso maior que só fazer citações dela.

Para algumas pessoas, a afirmação dos filhos pode ser uma verdadeira luta. Por quê? Porque muitos pais não foram afirmados quando crianças e sentem-se incômodos, o que não é adequado para afirmar os próprios filhos. Faz pouco tempo, Dottie conversou com uma mãe que estava muito desiludida pelo que acontecia com o filho adolescente. A mãe contou para minha esposa que o filho acabava de receber a carteira de motorista e já estava conduzindo um carro. Ela e o marido o tinham acompanhado no carro para que praticasse e ele o fazia bem. Esta escrupulosa mãe queria aproveitar o momento para animar o filho, assim que lhe disse algo parecido com o seguinte:

“Você dirige muito bem! Estou muito orgulhosa porque você dirige com muito cuidado”. Depois, ela deu uma cotovelada no marido para que ele também animasse o filho e lhe dissesse algo positivo, mas ele zangou-se com ela, dando a entender que era um absurdo dizer algo que ele achava óbvio.

Esta mãe estava muito desalentada. Depois, a mulher acrescentou que o marido quase nunca lhe dava palavras de afirmação a seu filho e que permanecia em constante conflito com ele, resmungando e salientando os defeitos do filho ou qualquer erro que ele fizesse, sem nunca elogiá-lo. Ela descreveu seu filho como um excelente estudante, como um líder do grupo de jovens e como um garoto destacado nos esportes. Disse-me que parecia ter muita confiança em si mesmo e que era sociável, mas que no fundo, ela sabia que seu filho estava sofrendo porque não recebia a afirmação do homem mais importante em sua vida: seu pai.

Homens, dá para vocês verem que este pai está perdendo belas oportunidades? Dá para ver que ele está perdendo oportunidades para animar o filho? Os convido a não fazerem este erro. Sejam pais que procuram oportunidades para afirmar os filhos. É uma decisão que lhes dará lucros o resto da sua vida e para a vida de seus filhos.

Quanto às qualificações de nossos filhos, Dottie e eu afirmávamos suas fortalezas plasmadas nas notas escolares. Nossa filha mais velha, Kelly, foi motivada por este gênero de ânimo e afirmação. “Deu-me deu confiança em mim mesma e fez que desaparecesse o medo ao fracasso. Eu sempre soube que meus pais

me apoiariam e ficariam ao meu lado, sem importar se eu tinha sucesso ou fracassava”.

Nossa segunda filha, Katie, e o marido dela estão criando dois meninos. Katie sempre espera que a mãe dela anime-a cada vez que telefona para lhe pedir um conselho e comenta: “Eu posso ligar para minha mãe e lhe dizer como estou me sentindo, lhe contar sobre minhas lutas e ela sempre responde e me afirma que eu amo meus filhos e que os estou educando bem”.

Nossa filha mais nova, Heather, tem, dentro da nossa família, a fama de ser um pouco dramática e muito apaixonada. Quando ela reparou nisto, ela disse: “Foi só quando eu entrei na universidade que minha mãe realmente reparou na rapidez com a que eu mudava de emoções. Eu passava da felicidade à tristeza em dez minutos. E mesmo que agora estou ciente da confusão emocional que tantas vezes lhe ocasionei, sinto-me reconfortada e confiante em que minha mãe será minha aliada a vida inteira. Tenho alguém na vida que sente minha dor e também tenho alguém que fica feliz quando estou emocionada. Tenho a confiança de que meus sentimentos são válidos, mesmo que nem sempre sejam os adequados. Me foi dado o presente da liberdade de poder sentir”. Alegrem-se com os que se alegram e chorem com os que choram (Romanos 12:15 NVI-PT).

Quando você afirma seus filhos e seus sentimentos, você está ajudando a desmentir o ditado “meus pais não me entendem.” Assim como disse Heather, seus filhos sentir-se-ão mais à vontade para se aproximar e compartilhar com você seus sentimentos, pois eles sabem

que não serão rejeitados nem repreendidos por suas preocupações de “adolescentes”. A afirmação se transformará em construtora de pontes e não em construtora de barreiras para sua relação com eles. Alegre-se com aqueles que estão alegres e chore com aqueles que choram.

ACEITAÇÃO

Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus (João 1:12 NVI-PT). Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós (Gálatas 3:13 AA). Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo (Romanos 5:1 NVI-PT), pois, quando ainda éramos fracos, Cristo morreu a seu tempo pelos ímpios e temos recebido agora a reconciliação (Romanos 5:6, 11 AA). Deus nos aceitou por meio de Cristo. Não há aborrecimento nem condenação nem desilusão nem frustração nem incômodo para aqueles que permanecem em Cristo Jesus. Fomos aceites (não porque tenhamos feito algo, mas pelo que Cristo fez na cruz) e, da mesma maneira, obtivemos a alegria de aceitar os outros, especialmente os nossos filhos.

Em Romanos 15:7 diz: “portanto, aceitem-se uns aos outros, da mesma forma que Cristo os aceitou, a fim de que vocês glorifiquem a Deus” (NVI-PT). Neste versículo Paulo está se dirigindo aos “fortes” para eles aceitarem os “débeis” na fé. Como foi que Deus nos aceitou

por meio de Cristo? Quando nós éramos pecadores, quando estávamos nas piores condições, quando éramos inimigos de Deus, Ele fez o MÁXIMO SACRIFÍCIO: ofereceu o seu próprio Filho. Cristo serviu àqueles que o traíram, Ele amou até o fim e deu a própria vida. Somos chamados a aceitar nossos filhos mesmo quando eles se comportarem mal, quando nos traírem, quando nos usarem e nos manipularem. Lembre-se do que o filho pródigo fez: repudiou o pai, dilapidou toda sua herança, sujou o nome da família e, mesmo assim, voltou, porque conhecia o coração do pai, um coração que o aceitava sem condição nenhuma.

Meu filho Sean, quando tinha dez anos de idade, estava em um time de beisebol. O dia anterior a seu primeiro jogo levei para treinador quinze cupons para que os trocasse por sorvetes. Pedi-lhe que desse os cupons aos pequenos jogadores depois de que eles perdessem seu primeiro jogo. Disse-lhe também que o amor e a aceitação que eu tinha por meu filho não estavam baseados na vitória de um jogo de beisebol ganho, mas sim no fato de que ele é meu filho, criado a imagem de Deus, com valor e dignidade infinitos. Mesmo que o treinador me olhasse como se eu fosse um louco, ao pensar que ele deveria dar-lhes os cupons só depois de ter vencido em seu primeiro jogo, ele fez o que eu lhe pedi. A resposta dos pequenos jogadores foi incrível! Apenas uns deles me agradeceram pelo sorvete, e me disseram palavras como estas: “É fantástico!, o senhor nos aceita, sem importar se ganhamos ou perdemos”. Isto é, justamente, o que eu queria que Kelly, Sean, Katie e Heather soubessem. Em uma ocasião, George W. Bush me disse pessoalmente que na vida dele nunca

houve uma só vez na que ele não se sentisse amado incondicionalmente por seu pai. Disse-me que o amor firme do pai influenciou nele de maneira marcante, e isto lhe deu a liberdade de errar. A maioria das crianças não tem esta fortuna. Para eles, errar significa que não vão ser mais “aceites ou amados”. Este tipo de aceitação lhes dá como presente sentir-se seguros.

Depois de afirmar meus filhos em suas escolhas, em suas decisões e em seus talentos singulares, eu lhes digo: “Eu amo e aceito você porque é meu filho, criado à imagem de Deus com valor e dignidade infinitos. Se você nunca chegasse a tomar uma boa decisão, se você caísse no vício das drogas, se você engravidasse, se fracassasse na escola, etc., não vai mudar meu amor nem minha aceitação por você, porque você é meu filho”. Tal afirmação proporcionou aos meus filhos um senso de segurança fenomenal e, quanto mais seguros eles se sentiram comigo, foram mais abertos e transparentes.

Liz DeCarlo, na revista U.S. Catholic, explica: “A dignidade aprende-se quando os pais ensinam os filhos que devem respeitar a todas as pessoas, não só por ter autoridade ou poder, mas porque as outras pessoas também têm dignidade, sem importar sua idade ou condição social... – e acrescenta –: Um filho que é amado e respeitado estará melhor preparado para enfrentar os bons e os maus momentos da vida e em diferentes entornos”.

Dottie cresceu escutando estas palavras de lábios de seus pais: “Não existe nada que você faça, NADA, que possa fazer que a gente

deixe de amar você”. São palavras muito poderosas para uma criança. Quando ela tinha dezesseis e acabara de obter sua carteira de motorista, teve um acidente que causou a perda total do carro. De tudo o que o pai podia ter lhe dito, nunca lhe perguntou: “Em que você estava pensando? ou você estava mesmo olhando a estrada? Tampouco lhe perguntou se o rádio estava ligado ou se o volume era alto demais. Nunca mencionou o valor do carro ou o que iria aumentar o seguro do carro. Nunca lhe formulou as perguntas lógicas para incomodá-la ou para tentar saber mais sobre o que tinha se passado. Disse-lhe repetidamente o feliz que estava porque ela não se tivesse machucado. Para Dottie, esta foi uma prova amorosa e concreta da aceitação incondicional do pai.

Kelly me perguntou que aconteceria se ela engravidasse antes de se casar. A mãe biológica de minha filha Heather a teve quando ela só tinha quinze anos de idade, assim que Heather também queria saber a resposta à pergunta da sua irmã. Foi prazeroso para mim responder a ambas as filhas com aceitação. Disse-lhes que eu poria meu braço em volta dos ombros delas e que lhes diria: “Querida, vamos resolver isto em família. Nós seguiríamos amando você da mesma forma e estaríamos com você até o final”. Ao refletir sobre esta conversa com suas irmãs, Katie disse: “Sabia que se eu, algum dia, tomasse uma má decisão, o relacionamento com meus pais em nada mudaria e, saber isto, evitou que eu errasse”. Ter este senso de segurança, brinda aos filhos a liberdade de chegar a ser a pessoa que Deus quis que eles fossem.

Por suas notas altas, nossos três primeiros filhos foram escolhidos para que fizessem o discurso de despedida na formatura do ginásio. Quando Heather estava na sexta série nos disse a Dottie e a mim que ela não tinha planejado que fosse eleita para fazer o discurso na sua formatura, pois ela “tinha outras coisas para fazer na vida”. Tempo depois, Heather nos disse que se nós tivéssemos respondido que esperávamos que ela se esforçasse mais na escola para que fosse eleita para fazer o discurso em sua formatura, nós teríamos “amassado” seu espírito. Heather lembra que Dottie lhe disse: “Está bem. Você é você, e pode atingir qualquer meta que se propor na vida. Você pode ser o que você quiser”. Não foi eleita para dar a mensagem de despedida, mas disse: “Sei que os meus pais sentem-se orgulhosos de mim, daquilo que me interessa e de tudo o que eu tenho aprendido. O fato de saber que tinha a liberdade de estar interessada em tantas coisas diferentes, me confirmou que estava agindo de forma certa e que era bom ser como eu sou. Senti-me apoiada para poder realizar meus sonhos e animada para ser a pessoa que Deus quis que eu fosse”.

Sean lembra-se da nossa ênfase em aceitá-los por eles mesmos e não por o seu desempenho: “Meus pais fizeram ênfase em nos comunicar que nos aceitavam e que não o faziam baseados no nosso desempenho. Se eu fazia um gol no futebol, eles o festejavam comigo, mas também me diziam que se nunca na vida voltava a fazer mais um gol, continuariam a me amar de igual maneira. O mesmo acontecia com as notas escolares. Eu sabia que se me dava mal na escola, não mudariam sua aceitação e seu amor por mim”. Os filhos vão satisfazer

as expectativas dos pais e vão viver os valores que lhes forem inculcados. Por isso, aceitem-se mutuamente, assim como Cristo aceitou vocês para glória de Deus.

APREÇO

É evidente como Deus se deleita em seu filho. Isaías 42:1, diz: “Eis o meu servo, a quem sustento, o meu escolhido, em quem tenho prazer” (NVI-PT). Deus também se deleita em nós. “Ele me deu total libertação; livrou-me porque me quer bem” (Salmo 18:19 NVI-PT). Na parábola dos talentos, um homem encarregou sua propriedade a seus servos. Ao servo que foi fiel, lhe disse: “Muito bem, servo bom e fiel!” (Mateus 25:23 NVI-PT). Assim como Deus se deleita no que Cristo faz, Ele também se deleita no que nós fazemos por meio de Cristo. Assim como Deus aprecia e afirma o trabalho de seus filhos, nós devemos apreciar e afirmar aquilo que fazem nossos filhos.

Em Mateus 3, temos um exemplo de como Deus se deleita em seu Filho. Depois de ser batizado, enquanto Jesus saía d’água, Deus, desde o Céu, falou e disse: “Este é meu Filho amado, em quem me agrado” (Mateus 3:17 NVI-PT). Se a aceitação é o fundamento para um relacionamento seguro, o apreço pode ser considerado como a pedra de toque. O apreço ensina os jovens que são valorados e que seus logros são importantes. Quando exprimimos o nosso apreço a nossos filhos, lhes damos um senso de importância, a sensação ou

ideia de que o que eles tem feito ou dito vale a pena. Aceitar os jovens lhes diz que sua pessoa é importante; quando lhes exprimimos apreço lhes dizemos que o que fazem é importante. Surpreenda seus filhos fazendo algo certo e mostre-lhes apreço. Estou convicto de que enquanto mais surpreendia minhas três filhas e meu filho fazendo bem as coisas e de imediato lhes expressava meu apreço, era menos provável que os surpreendesse fazendo algo mal.

Porém, antes de aprender e de pôr em prática este princípio, eu havia estado criando meus filhos da maneira em que eu achava que a Bíblia ensinava, que era surpreendê-los quando estavam fazendo algo mal e, a seguir, corrigi-los e discipliná-los. E mesmo que o anterior está certo, isto deve se fazer dentro do primeiro conceito de primeiro surpreendê-los fazendo algo bem. Novamente, tudo se reduz a ter um relacionamento com vínculos de amor com nossos filhos. “Obrigado, Kelly, por pôr a roupa suja na cesta. Sua mãe vai apreciar”. “Sean, obrigado por limpar o terraço. Aprecio muito. Agora, você poderia limpar o resto?” “Katie, você nem imagina como aprecio o esforço que tem feito para estudar tanto. Realmente o aprecio, tanto quanto sua mãe o aprecia também”.

Surpreenda-os fazendo bem as coisas, não só com suas ações, como também com sua atitude. Procure situações nas que seu filho pôde ter perdido a calma e, ainda assim, não a perdeu. Que oportunidade tão maravilhosa! Você gostaria que seu filho tivesse reações como esta mais frequentemente? Então, intervenha e diga-lhe quanto o aprecia cada vez que tiver uma oportunidade como esta!

Tem um impacto profundo no comportamento de uma criança, ou no comportamento de qualquer pessoa! Mesmo quando seu filho não possa atingir suas próprias expectativas ou inclusive as de você, você pode transformar a situação em uma oportunidade para lhe expressar seu apreço pelo esforço, pela atitude ou por tudo aquilo que tenha aprendido dessa situação. Nossos filhos clamam porque lhes manifestemos amor, apreço e aceitação, e não só quando erram. “Fiquemos atentos a nós mesmos, antes de nos metermos em problemas. Os programas para mães e pais adolescentes são fantásticos, mas todos nós necessitamos ânimo, atenção e apoio. Queremos ser recompensados por fazer tudo certo, mesmo quando pareça ser algo pequeno”.

Amiúde, Dottie toma conta dos nossos netos, pois nossos filhos moram perto de nós na Califórnia. Quando nosso neto, Scottie James, tinha três anos de idade, nasceu sua irmãzinha, Shauna. Igual que muitas crianças de idade pré-escolar, ele era um pouco brusco com a pequena irmãzinha, quando lhe mostrava seu afeto. Cada vez que ele a abraçava, nos perguntávamos se ela sobreviveria! Dottie viu a oportunidade para lhe mostrar apreço a Scottie e lhe dizer como estávamos orgulhosos dele cada vez que ele expressava ternura sincera a sua irmãzinha. Se nós, como adultos, nos sentimos felizes quando alguém nos aprecia, imaginem que tão motivador poder ser para uma criança de três anos! Então, cada vez que Scottie era carinhoso com a pequena Shuana, Dottie lhe mostrava seu apreço e lhe dizia algo assim como: “Muito bem, Scottie! A vovozinha está MUUUUITO orgulhosa do amoroso que você é com sua irmãzinha!

Você já é um menino grande e um excelente irmão! Estou muito orgulhosa de você!” A experiência ensinou Dottie que, ainda que leve um tempo, esta manifestação de apreço ajuda a motivar os pequenos.

Kelly conta como foi marcada pelo apreço que recebeu dos pais, mas foi ainda maior a força do apreço que nos mostramos Dottie e eu mutuamente. “Meus pais nos fizeram sentir apreciados ao nos agradecer sempre que fazíamos algo que era bom ou que ajudava os outros, mas o que provavelmente tenha sido o mais impactante foi ver como se mostravam apreço um ao outro. Eles expressavam com palavras o apreço e nos modelaram ao longo do seu matrimônio”.

Ao meditar sobre o que é o apreço, Katie disse: “Não houve um só dia na minha vida em que eu não soubesse que meu pai me ama e que se sente orgulhoso do que eu sou, inclusive quando passei por situações muito difíceis na minha vida. Em cada carta, em cada bilhete que ele me envia, diz sempre duas coisas: ‘Te amo e estou muito orgulhoso de ti’. O fato de ter escutado ‘Te amo e estou muito orgulhoso de ti’ ao longo de trinta e dois anos, teve uma poderosa influência assim como um impacto perdurável na minha vida”.

Heather comentou: “As opiniões que os pais têm de você, definem a opinião que você tem de si mesmo. O fato de ter tido o apreço dos meus pais me deu a confiança de que sou valorada e respeitada por ser quem sou”. O apreço vai além da conduta e dos trabalhos domésticos.

Sean reflete: “Minha mãe colocava bilhetinhos na caixinha do lanche, até nos anos do ginásio, só para me dizer quanto ela me apreciava. Meu pai não só falava o muito que apreciava que eu jogasse fora o lixo, como também que apreciava que eu fosse bondoso com minha irmã ou ajudasse a preparar o jantar. Ele também deixava de fazer o que estivesse fazendo, olhava diretamente para os meus olhos e dizia: ‘Eu estou orgulhoso de que você é meu filho’”.

A afirmação (aceitando os nossos filhos como eles são) e o apreço (reconhecendo o que eles fazem) caminham de mãos dadas para fazer que o relacionamento com nossos filhos seja equilibrado e bíblico. “E se ouviu uma voz dos céus que dizia: ‘Este é meu filho amado, em quem me deleito’”.

ESTAR DISPONÍVEL

“Venham a mim todos os que estão cansados e oprimidos e eu os aliviarei” (Mateus 11:28-30 AA). Jesus nos pede que voltemos a Ele quando tenhamos nos afastado; que voltemos a Ele de todo coração (Joel 2:12-14 NVI-PT). “Venham, todos vocês que estão com sede, venham às águas; e vocês que não possuem dinheiro algum, venham, comprem e comam! Venham, comprem vinho e leite sem dinheiro e sem custo” (Isaías 55:1-3 NVI-PT). O Salmo 145:18 diz: “Perto está o Senhor de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade” (NVI-PT). Deus está constantemente e sempre disponível, e

não só disponível, como também nos dando sempre a bem vinda, nos convidando, até nos suplicando e até nos persuadindo para que nos aproximemos a Ele, porque Ele se deleita em nós. Expressar afirmação, aceitação e apreço, só pode se fazer no contexto de estarmos disponíveis.

É importante valorar o tempo que passamos com nossos filhos. O que diz a Bíblia em relação ao “TEMPO”? O Salmo 39:4, diz: “Mostra-me, SENHOR, o fim da minha vida e o número dos meus dias, para que eu saiba quão frágil sou” (NVI-PT).

Dottie: Permita-me lhe contar uma história verdadeira que ilustra este princípio:

Lembro-me de quando nossa filha Kelly era bebê. Ela e eu estávamos viajando de avião e nos sentamos ao lado de uma senhora que repetia uma e outra vez que me assegurasse de desfrutar minha filha. Durante o voo, várias vezes mencionou o rápido que se passa o tempo e o importante que é “desfrutar nossos filhos”. Por último, já no final do voo, me contou uma história que fez com que eu entendesse porque me repetiu tantas vezes que devia desfrutar minha filha.

Explicou-me que tinha dois filhos quase da mesma idade. Descreveu como eles eram ativos e inquietos e disse que também eram “muito desordenados”. Ela admitiu que o fato de ter a casa desordenada a enlouquecia e, em segredo, desejava que chegasse o dia em que eles crescessem e fossem embora da casa para que esta pudesse permanecer limpa e ordenada. Depois me contou que se

formaram juntos e que foram embora da casa o mesmo dia. Depois de irem embora ambos os filhos, ela subiu para ver o quarto deles. Até que enfim estava limpo! Tudo estava no lugar certo, mas não se sentiu alegre e, com lágrimas nos olhos, viu-me com tristeza e me descreveu como se deixou cair sobre as camas dos filhos e como aí ficou chorando amargamente. Eles tinham ido embora. Sim, agora o quarto está limpo, mas a realidade de que seus filhos partissem a atingiu e se sentia terrivelmente abrumada pela culpa, a dor e com um enorme vazio dentro dela. Antes de descermos do avião, novamente me insistiu que cuidasse, com grande zelo, o tempo que dedicasse a minha filha, e me advertiu como o tempo se passa rapidamente.

Tempo é algo que todos temos, mas o empregamos de diferentes maneiras. Cada um de nós tem vinte e quatro horas cada dia, porém, todos nós fazemos coisas diferentes nessas vinte e quatro horas. Deixe-me salientar que não há nada mais importante para os filhos que o tempo e a atenção que você lhes der. A maneira em que os filhos soletram a palavra AMOR é: “T-E-M-P-O”.

Alguns de vocês que estão lendo isto, encontram-se agora na trincheira da vida diária, tomando conta das crianças ou tentando lidar com os adolescentes e com diferentes horários. Parece como se este período não fosse acabar nunca. Era nessas ocasiões que eu me lembrava a mim mesma: “Os dias são longos, mas os anos são curtos”.

Ao contrário da maioria de vocês, eu já acabei de criar meus filhos. Todos nossos filhos estão casados e temos cinco (em breve

serão sete!) amados netos. O tempo que passamos com nossos quatro filhos em casa passou-se muito rápido, mas quero lhe dizer o seguinte: Tente imaginar como você vai se sentir o dia em que seu filho for embora da casa ou quando o deixar noutra cidade onde fique a universidade dele e você tenha que dirigir sozinho de volta para casa. Não interessa se é o filho mais velho ou o caçula. Suas vidas são que nem um relâmpago perante você, e quase não dá para acreditar que chegou o momento de deixá-los ir. O digo por experiência própria (quatro vezes o experimentei), pode ser um momento doloroso para um pai. Marca o fim de um período e, lógico, o início de um novo! Chegou o momento para o que você se preparou ao longo de dezoito anos. Quando esse momento chegar, não permita que seja um tempo de lamento. Decida agora e diga a seu filho que você se deleita nele durante o processo da paternidade. Garanto você que vai se sentir feliz de tê-lo feito.

Acho que é importante, agora, lhe contar o que minha mãe sempre costumava dizer. Ainda posso ouvi-la dizer estas palavras: “Uma pessoa vai criar seus filhos da mesma forma em que ela foi criada, a menos que for reprogramada”. Minha mãe é um exemplo perfeito de uma pessoa que foi reprogramada. Vou explicar:

É provável que, pela forma em que minha mãe criou os filhos, você assuma que ela foi criada de uma maneira ideal, extraordinária, muito amorosa e criativa. Fica longe da verdade. Minha avó morreu de pneumonia quando minha mãe tinha só seis meses de idade. Ainda que tinha um pai que a amava, ele não podia tomar conta dela, assim

que minha mãe cresceu numa lista interminável de lares amigos e de parentes, em internatos, em campings de verão e em casas pias.

Em poucas palavras, ela não foi criada num entorno estável e cheio de amor. Acho que foi sua grande determinação de dar aos filhos o que ela não teve, o que fez dela uma mãe tão boa. Minha mãe morreu em 1998, mas a lição que a gente pode aprender da vida dela é a seguinte: Não interessa como você tenha sido criado; com excelentes modelos a seguir, cheio de carinho ou sem absolutamente nada, qualquer pai pode decidir e se comprometer a deleitar-se nos filhos. Por favor, que esta seja a herança que deixa para seus filhos... e para seus netos.

Quando estamos disponíveis para nossos filhos, lhes transmitimos um senso de importância em nossas vidas. Quando não estamos disponíveis, em essência lhes estamos dizendo: “Sim, eu amo você, mas há outras coisas mais importantes que estão antes de você”. No Evangelho segundo São Mateus, lemos que Jesus estava viajando e fazia obras portentosas: orava pelas pessoas, as sarava, predicava o evangelho e transformava a água em vinho. No meio de tudo isto, Jesus escutou uma enorme algazarra. Quando se voltou viu que havia um grupo de pais, provavelmente mães, que tentavam, junto com os filhos, se aproximar a Ele. Queriam que Jesus benzesse os filhos, e os discípulos tentaram impedi-lo. De imediato, Jesus corrigiu os discípulos e lhes disse: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas” (Mateus 19:14 NVI-PT).

Não posso lhes dizer quantas vezes eu (Josh) descuidei meus filhos. “Agora não, Sean. Tenho que preparar uma palestra. Falamos depois”. “Katie, tenho um encontro no centro da cidade... a gente fala quando eu voltar”. “Heather, acho que mais tarde, preciso fazer as malas e depois sair para o aeroporto”. “Kelly, agora estou muito cansado, o que você acha se conversamos depois do jantar?” Cada vez que falava palavras como estas, eu estava comunicando aos meus filhos que eles não eram tão importantes como aquilo que estava escrito na minha agenda. Agora, quando penso nisto, sinto que meu coração se parte.

Concordando com os Doutores Almeida e os médicos colegas, no Journal of Marriage and Family (Diário de Matrimônio e Família): O tempo que um pai passa com seus filhos é importante ao menos por três razões. Primeira: ao passarem muito tempo com seus filhos poderão descobrir, de melhor maneira, suas virtudes e vícios; suas esperanças e temores; assim como suas aspirações e ideais. Segunda: um pai que passa muito tempo com seu filho tende a ser um melhor pai. O tempo que o pai passa com seus filhos torna-o mais sensível quanto às necessidades do filho, necessidades como: o amor, a atenção, a direção e a disciplina. E, a terceira: frequentemente os filhos vêem o tempo que o pai passa com eles como um indicador do amor que por eles sente.

Sempre fiquei admirado pelo fato de que o Presidente dos Estados Unidos tomasse tempo para estar com seus filhos, então, qual é a minha desculpa para não passar tempo com os meus?

“Gostaria que todas as crianças pudessem ter a relação que John F. Kennedy, Jr. teve com seu pai. Lembro-me de ter visto ao Presidente Kennedy no escritório oval, junto com um dignitário estrangeiro e, ao pequeno John-John que precisava da atenção do seu pai. A televisão ainda era em branco e negro e o Presidente, deteve tudo, virou-se para seu filho, inclinou-se e deu-lhe toda sua atenção”.

Dottie fez-me ver que, eu nem sempre estava disponível para meus filhos. Disse-me algo muito profundo que retumbou nos meus ouvidos e me fez chorar. Disse-me: “Se você passar tempo com seus filhos agora, eles passarão tempo com você no futuro. Se você amar a seus filhos agora, eles vão amar você no futuro. Se você escutar a seus filhos agora, eles vão falar com você no futuro. Se você falar com seus filhos agora, eles vão escutar você no futuro. Se você abraçar a seus filhos agora, eles vão abraçar você no futuro”. Quanta sabedoria! Ao estarem disponíveis para seus filhos, quando eles precisem de vocês, não só lhes dizemos que são importantes, também os mantêm interligados com vocês.

Dottie acredita firmemente em que, “sem importar a idade que tenham, nossos filhos querem e precisam que nós estejamos disponíveis para eles! SEMPRE esperam que nós lhes ajudemos e nunca deixam de estar presentes em nossas ideias, nossos planos e nosso afeto ou querem que nós estejamos disponíveis para aceitar suas idéias, seus planos e seu afeto. Deve ser uma relação recíproca, mas deve ser iniciada por nós, os adultos, seus pais”.

Além do mais, não só devemos estar disponíveis para eles quando são pequenos. O Journal of the American Medical Association (Diário da Associação Médica Americana) ensina que: “Quanto mais velhos sejam os estudantes, maior deve ser a presença do pai no lar...” e que isto é super importante para a conduta do adolescente. O Doutor Resnick continuou: “...é de suma importância o tempo que dispomos para eles...os vínculos que há entre os membros da família e as atividades que os pais realizam com os filhos”. Apesar do “conselho de espertos”, estar disponíveis para os filhos mais velhos tem um profundo efeito neles.

Dottie tem uma lembrança particularmente especial e de carinho ao dedicar-lhe tempo a Heather numa etapa importante de sua vida. Certo verão, Dottie acompanhou-me a muitas das minhas viagens para dar palestras e só teve três dias disponíveis para estar em casa entre essas viagens. Ela fez planos para esses três curtos dias: ir de compras, lavar a roupa da viagem anterior, fazer as malas para a seguinte viagem, cortar o cabelo, ir ao médico, ir ao banco, etc. Assim que chegou em casa, Heather telefonou-nos com a emocionante notícia de que ia se mudar, por primeira vez, a uma casa para moças universitárias e que já não moraria mas em apartamento, isto durante seu último ano na universidade. Pedi-lhe a Dottie que a ajudasse com a mudança, com a compra dos móveis e a se instalar. Embora Dottie tivesse feito longos listados com os planos e assuntos importantes para esses três dias, ela reparou que estar com Heather seria muito mais importante. Foram juntas de compras a lojas de artigos de segunda mão e, até compraram móveis que elas mesmas

pintaram! Embora a roupa de Dottie não estivesse tão arrumada para a nossa seguinte viagem, como ela tivesse querido e mesmo que não tivesse conseguido fazer tudo o que tinha planejado, obteve a preciosa lembrança de compartilhar com nossa filha a emoção de ajudá-la na mudança! Heather agradeceu a Dottie e disse-lhe: “Mãe, não existe nenhuma outra pessoa no mundo que eu tivesse querido me ajudasse na mudança, só queria fazê-lo com você!” Á luz do eterno, ajudá-la foi muito mais importante e traria muitas mais recompensas!

A Doutora Meg Wheeler, no seu livro Strong Fathers, Strong Daughters (Pais fortes, filhas fortes), explica o incrível impacto que um pai pode ter em sua filha. “Primeiro: as filhas que percebem que seus pais se preocupam muito por elas, que sentem que existe um forte laço de união entre elas e seus pais, tem um menor índice de tentativas de suicídio e estão mais satisfeitas com seu corpo; tem um índice menor de depressão e de baixa estima; quase não usam substâncias nocivas e tem menos problemas de sobrepeso. Segundo: o grau de autoestima, de uma filha, pode-se predizer pelo grau de afeto de seu pai. Terceiro: é pouco provável que as filhas que tem bons pais varões presumam de buscar atenção masculina. Quarto: as garotas esperam mais tempo para começar a ter relações sexuais, quando os pais se envolvem na vida delas, e mostram menores índices de gravidez entre adolescentes. Quinto: o 76% das adolescentes contou que seu pai influenciou na decisão de ser sexualmente ativa”.

Embora eu viajasse muito, Kelly lembra-se de que eu assisti a mais eventos esportivos nos que ela participava, do que o resto dos

pais: “Ele estava mais disponível que qualquer outro pai. Se eu telefonava a ele, sabia que atenderia minha chamada. Se alguma vez lhe tivesse dito que precisava dele em casa, sabia que interromperia o que estivesse fazendo e de imediato teria tomado o primeiro voo para estar comigo”.

Katie tem lembranças parecidas, eu sempre estive disponível para meus filhos apesar das muitas viagens. “Tenho muitíssimas lembranças de meu pai quando ia por mim à escola. Uma vez, chegou por mim à escola numa charrete puxada por um cavalo e levou-me para comer um sorvete de banana na hora do almoço!”

No ginásio, Heather passou como cem horas trabalhando num projeto de um filme para sua aula de arte e, seu professor, por acidente, apagou tudo o que ela tinha filmado quando a estava ajudando a copiar tudo em DVD. Quando Heather chegou da escola, eu estava em uma reunião com um numeroso grupo de pastores da comunidade. Heather correu e na metade da reunião caiu no meu colo. Ela lembra: “Quando eu tinha seis anos de idade, meu pai disse-me que eu podia sentar no seu colo quando quisesse, mas, foi até os dezesseis quando precisei dele e sentei no seu colo perante todos os presentes. Estava frustrada e desiludida, e comecei a chorar quando meu pai me abraçou e me disse que tudo tinha solução. Isto teve um enorme impacto na minha vida e faz com que eu esteja sempre disponível para meus filhos, meus amigos e meu esposo”.

Quando Sean jogava basquete no ginásio, perdi poucos dos seus jogos. “Numa ocasião – agradeço à linha aérea Lufthansa – meu

pai viajou desde a Rússia; dirigiu uma hora e meia desde o aeroporto de Los Angeles; assistiu ao meu jogo; deu-me um abraço; disse-me o orgulhoso que estava; logo voltou dirigindo para o aeroporto de Los Angeles para tomar o seguinte, longo e muito cansativo, voo para voltar à Rússia. Fico muito agradecido com ele e aprecio a atenção que teve comigo, assim como a boa disposição e intenção de estar sempre disponível para nós, tanto quanto ele pôde fazê-lo”. Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam: porque o Reino dos Céus pertence aos que são semelhantes a elas.

Então, onde está o vínculo de amor entre o fato de que seus filhos sejam sua adoração, que passe tempo com eles e que lhes fale sobre sexo? Boa pergunta não é? Esta é a resposta: Pais, se queremos que nossos filhos nos escutem quando lhes falamos sobre estes importantes temas como são o sexo, o amor, as relações ou qualquer outro tema parecido, temos que nos ganhar este direito! E a forma em que nós nos ganhamos esse direito é iniciar e procurar com afinco, dinamismo, e de forma continua, ter uma relação de amor, paciência e apoio com nossos filhos. Se nossos filhos sentem que nos deleitamos neles, então, é mais provável que escutem o que nós lhes dizemos, que resistam à pressão dos seus colegas e que adotem nossos valores e crenças.

A Campanha Nacional para a Prevenção de Gravidez não Planejada em Adolescentes nos Estados Unidos, explica que, quando passamos tempo com nossos filhos criamos neles a segurança para que exista uma comunicação mais transparente. “As experiências

compartilhadas criam, por assim dizer, uma “caderneta de poupança” de afeto e de confiança que forma a base para que no futuro possa haver uma estreita comunicação, com nossos filhos, sobre temas específicos, incluindo o da conduta sexual. Se queremos que nossos filhos levem a sério o que lhes dizemos, o tempo que passamos com nossa família deve estar no primeiro lugar na nossa lista de prioridades:

não “muito acima” na nossa lista de prioridades,
nem na metade,
nem abaixo.

Como Josh diz frequentemente: “Nossa família não deve estar antes que nosso ministério. Nossa família É nosso primeiro ministério! Por favor, pense nisto e leia o Salmo 37:23 que diz: “O SENHOR dirige os passos dos justos; deleita-se em cada detalhe de sua vida”.

Assim como o Senhor deleita-se nas minudências de nossa vida, deleitemo-nos, então, nas minudências da vida de nossos filhos. E a melhor maneira de conhecer as minudências da vida de nossos filhos é estar disponíveis para achá-las.

AFETO

Jesus mostrou afeto de uma forma na qual ninguém, nos lugares onde ele andou, tinha expressado antes. Jesus tocou ao leproso, sarou à

mulher que tinha uma hemorragia, comeu com os arrecadadores de impostos e com as prostitutas, associou-se com os samaritanos e com mulheres (um costume não muito comum nessa cultura), amou aos pobres e partiu o pão com seus discípulos. Seu afeto e interesse pelas pessoas não estava condicionado ou baseado na aparência, na personalidade, no comportamento, no prestígio, na riqueza ou em decisões delas. Tocava aos que estavam impuros e amava aos pecadores. Jesus veio a nosso mundo em um corpo humano como o nosso, para que pudesse relacionar-se conosco e mostrar-nos afeto.

Ao expressar afeto a nossos filhos por meio de palavras carinhosas e com o contato físico apropriado, estamos comunicando-lhes que são dignos de serem amados. Quando lhes mostramos afeto aos jovens, fazemo-los sentir que são amados. Em João 15:12, Jesus diz: O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (AA). Nesta passagem, Jesus estava falando a seus discípulos. Quanto os amou? Em dois capítulos anteriores, Jesus lavou os pés de seus discípulos, algo que só faziam os servos. Quase ao final do capítulo, diz: “Um novo mandamento lhes dou. Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” (João 13:34-35 NVI). Cada expressão de carinho e cercania reforça e reafirma emocionalmente à pessoa, e ajuda a que os filhos reparem em quanto é que são amados. O afeto pode expressar-se por meio de palavras e do contato físico apropriado. Podemos dizer aos nossos filhos “amo a você” em uma grande variedade de formas. Minha meta pessoal, tem sido,

expressar-lhes aos meus filhos afeto de forma verbal, dez vezes ao dia. Uma expressão física apropriada mostra-se por meio de um abraço, um beijo no rosto, um abraço ao redor do ombro ou pegando seu filho pela mão.

Há alguns anos, o Doutor Paulo Popenoe fez uma observação aguda quanto a que nossos filhos estão clamando por amor e, cada vez que estou com adolescentes, confirmo, quão certa é a observação de Popenoe é, embora, muito mais intensa. “Muitos jovens não se sentem seguros quanto ao amor dos seus pais. Quando se lhes perguntou a vários milhares de estudantes de ginásio, qual seria a pergunta que gostariam que seus pais lhes respondessem, a metade deles respondeu que, de uma ou outra forma, queriam assegurar-se de que eram amados por seus pais. Obviamente, mesmo que muitos pais não duvidem em ter amor por seus filhos, suas ações nem sempre o demonstram. Os pais são ofensores frequentes. Uma razão é o tabu que existe a que um homem mostre ternura. Repetitivamente, homens admiráveis falam do amor só com cinismo ou em tom de burla. Sentem-se pouco confortáveis quando se fala de amor em uma forma séria e com simpatia. Para eles mostrar amor é tão difícil como falar dele. Não há nenhum substituto para uma expressão direta de amor. Um filho precisa duma expressão aberta por parte de seus pais.” Um adolescente expressou a necessidade de que os pais estivessem em constante relação com eles: “Expresse amor e afeto de forma direta e com frequência. Abrace seus filhos e diga-lhes quanto significam para você. Elogie seus filhos pelos logros específicos

obtidos, mas lembre que as expressões de afeto devem ser espontâneas, e não só por ter tido um logro em particular”.

O afeto diz muito para nossos filhos. A mãe de Dottie tinha uma maneira especial para lhe mostrar afeto e isto influenciou na forma em que Dottie agora se relaciona com nossos filhos. Dottie lembra: “Minha mãe era genial ao comunicar o afeto que tinha por seus filhos. Tinha muitas formas criativas para que soubéssemos quanto é que nos amava. Uma coisa muito importante que ela sempre fazia, era cumprimentar-nos carinhosamente cada vez que nos encontrávamos com ela, sem importar se tivessem sido cinco horas ou cinco minutos. Quando chegávamos a qualquer lugar onde estivesse minha mãe, depois de não a ter visto por um tempo, ela aproveitava a oportunidade para dizer-nos o feliz que se sentia por nos ver. Cumprimentava-nos com um efusivo “Olá”, com um GRANDE ABRAÇO, e sempre falava que estava ansiosa por escutar qualquer coisa que tivéssemos para lhe contar. Que é o que ela queria dizer-nos ao fazer isto? Era uma clara mensagem de que minha mãe sentia-se feliz por ESTAR comigo e, também, que desejava saber o que é que era importante para mim. Isto me ajudou a ter a certeza de que eu era digna de ser amada e, que eu, era um tesouro para ela! O exemplo de minha mãe fez com que eu praticasse o mesmo com meus filhos. Isto era lógico para mim, porque ela foi o modelo a seguir em toda a minha vida. Foi até uns três ou quatro anos atrás, que eu reparei na importância disto, quando lhe pediram a uma de nossas filhas que me apresentasse perante o público, antes de eu começar minha palestra. Quando ela me apresentou, falou que sempre que ela

entrava em qualquer lugar onde eu estivesse, eu a cumprimentava com entusiasmo e afeto. Depois falou do significado tão importante que isto era para ela. Sinto-me muito agradecida pelo exemplo de afeto de minha mãe, por ter expressado com palavras, abraços e em forma constante o importante que nós, seus filhos, éramos para ela. Quero convidá-los a fazer o mesmo. Sejam vocês mesmos. Façam-no do seu jeito. Mas, toda vez em que seus filhos estejam perto de vocês, vejam-na como uma oportunidade para lembrar-lhes quanto os amam e o tesouro que eles são para vocês. Quando isto se faz com sinceridade nunca é excessivo. A vida é muito curta para NÃO aproveitar as oportunidades que ela nos dá!”

Todos nós fomos criados para encontrar amor e satisfação em Deus como nosso Pai. Nós, como pais, fomos chamados para ser o modelo de esse amor e para mostrar a nossos filhos que têm um Padre supremo, que é Deus, quem nos ama. Se nossos filhos não encontram em Deus o amor que estão procurando nem tem um senso de segurança em Ele, então, vão procurá-lo em seus colegas para, poder assim, encher esse vazio. “Frequentemente adolescentes e adultos confundem sexo com intimidade. Em seu desejo de sentir-se unidos com alguém, ou para encontrar a intimidade que, talvez, não tem em casa, os adolescentes tem relações sexuais para preencher esse vazio. Quando os pais de Elena, que tinha dezessete anos de idade, estavam divorciando-se, ela e seus irmãos foram divididos entre o pai e a mãe. Elena começou a ter relações sexuais para preencher o vazio que havia em seu coração. ‘Me segurava de um par de

namorados que eu tinha – disse ela –, eles faziam-me sentir amada quando tudo em casa era um horror”.

Kelly lembra-se das maneiras em como Dottie e eu mostrávamos nosso afeto quando ela estava crescendo: “Frequentemente meus pais mostravam-se afeto um pelo outro, abraçavam-se e beijavam suas faces. Era claro o amor que sentiam entre eles. Não precisavam das palavras. Numa ocasião, quando eu fiz 16 anos, deixaram-me dirigir no carro e levar a toda minha família para o cinema. Meus pais sentaram-se no banco posterior e trocavam beijos entre eles, apesar dos comentários de nós, seus filhos, comentários como: 'Que nojo! Que feio!' No entanto, lembro ter pensado, também, que não podia esperar para ter filhos e que eles pudessem dirigir um carro para que eu pudesse sentar-me no banco de trás e beijar meu esposo”. Nossa família é muito carinhosa. Ainda nos sentamos e nos abraçamos no sofá de mãos dadas.

Katie sempre gostou de segurar minha mão em público. Ela comenta: “Agora que sou mais velha, não lembro que meu pai tenha dito: 'Já estão muito velhas, já não vou segurar suas mãos quando caminhemos na rua'. Eu acho que nunca serei velha demais para segurar a mão de meu pai, dar-lhe um abraço ou um beijo, adoro fazê-lo”.

Também nosso filho é afetuoso, não fica chateado quando o abraçam! “Sempre soube, sem dúvida alguma, que ao chegar da escola ou quando me levantava pela manhã sempre haveria abraços e beijos, tempo para sentar-me no colo de papai e segurar sua mão. Meus pais constantemente mostravam-me afeto dando-me tapinhas

nas costas, abraçando-me ou pegando minha mão. Em especial, lembro-me de meu pai abraçando-me, depois dos jogos de basquete, tanto no ginásio quanto na universidade. Eu estava cheio de suor, mas isso nunca o deteve para que me desse um grande abraço e dissesse o orgulhoso que se sentia de mim. O afeto que tinha por mim foi o mais importante que meu pai pôde comunicar-me”. E este é meu mandamento: que se amem uns aos outros, assim como Eu os hei amado.

APROXIMAÇÃO

Jesus é o SUPREMO exemplo de aproximação ao entorno de uma pessoa. “ ...Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus, o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens (Filipenses 2:5-7 AA). Fez-se carne, deixou seu trono celestial e entrou em nosso quebranto, em nosso mundo caído e sujo para estar conosco, afirmar-nos, aceitar-nos e finalmente salvar-nos. Já que Jesus entrou no nosso mundo, assim, nós podemos entrar no mundo de outros, especialmente no de nossos filhos.

Na famosa passagem que fala de amor, Pablo diz: “não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal” (1 Coríntios 13:5 AA). Quando entramos no mundo de nossos filhos, estamos mostrando-lhes que o que é importante para eles é importante para nós. Aproximar-nos a eles é a

pedra angular de uma relação genuína, íntima e de entrega. Quando nos aproximamos ao mundo de nossos filhos, estamos dizendo-lhes: “Você é tão importante para mim quanto as coisas que são interessantes para você”. Precisamos descobrir o que é importante para nossos filhos, sem importar a idade que tenham e, submergir-nos nesses interesses com entusiasmo genuíno, mas, é natural que estes interesses mudem com a idade.

Pense nas seguintes perguntas: Por que é que esperamos que nossos filhos vão aonde nós queremos ir, façam o que nós queremos fazer, comam no restaurante onde nós queremos comer, vão às atividades que nós elegemos e assistam o jogo que nós queremos assistir? Nossos filhos também são humanos! Obtemos grandes benefícios quando damos aos nossos filhos a oportunidade de que tomem algumas destas decisões. Estamos comunicando-lhes que confiamos neles e, mostrando-lhes que nos importa o que eles sentem e o que querem fazer. Se você entrar no mundo dos seus filhos quando crianças, eles entrarão no seu quando adultos. Aproxime-se ao mundo dos seus filhos.

Perdi a conta de todas as vezes que brinquei com as bonecas “Barbie” com minha filha mais nova. Fiquei chateado com Barbie quando se divorciou de Ken, e agora tem um novo namorado! Gostava de ir de compras e conseguir um novo vestido para Barbie ou um novo terno para Ken e, quando chegava em casa, gostava de surpreender a Heather. Nós nos sentávamos no chão e costumávamos vesti-la e penteá-la, sempre rindo e falando. Também perdi a conta de todas as vezes que eu li os livros de histórias em quadrinhos (comics) do

Homem-Aranha e do Homem-Incrível (Hulk) a meu filho Sean! Em minhas viagens para dar palestras, sempre procurava livrarias, para ver se encontrava alguma história em quadrinhos do Homem-Aranha que Sean não tivesse. Eu atualizava e mantinha em dia um listado das histórias em quadrinhos que Sean ainda não tinha para mostrá-la aos vendedores, os quais, geralmente, mostravam-me três ou quatro do meu listado. Adorava surpreendê-lo quando chegava de viagem. Sentávamo-nos juntos no chão para ler e atuar a mais nova aventura dos super-heróis.

Quando Sean fez dez anos de idade, ficou muito interessado em carros. “Pai, esse é um Lamborghini! Pai, esse é um Ferrari, e ali está um Porsche!” Comecei a pensar em alguma forma para poder entrar no mundo de Sean, ao lembrar coisas que desejei que meu pai tivesse feito comigo. Foi assim que procurei no diretório telefônico de Beverly Hills algumas das concessionárias de autos mais caros. Escrevi a cada uma delas uma carta dizendo-lhes que eu era um pai desesperado em passar tempo com seus filhos e, perguntei-lhes que se poderia levar meu filho Sean para que subisse num de seus carros e fazer uma viagem de prova. Junto a carta incluí um envelope para que enviassem sua resposta, e cada uma das concessionárias respondeu! Eu fui sincero com elas em minha carta, expliquei-lhes que não tinha a intenção de comprar um carro, que só estava interessado em que meu filho tivesse boas lembranças de mim. Todas responderam afirmativamente e fomos a dirigir nesses carros. Fomos a Beverly Hills para provar carros DURANTE MUITAS HORAS! Divertimo-nos muito! Meu assistente levou-nos e de volta pus os

assentos da camionete em forma horizontal e coloquei sacos de dormir e almofadas. Deitados na camionete, Sean e eu reflexionamos sobre o que tinha acontecido nesse dia e o divertido que havia sido dirigir esses carros tão caros. Foi assim que eu pude entrar no mundo e nos interesses de Sean. Além de reviver cada glorioso momento de nossas aventuras com carros, também falamos dos valores de nossa família, de porque Cristo morreu por causa de nós e das muitas tentações destrutivas do materialismo.

Assim como Dottie falou anteriormente, sua mãe frequentemente repetia um refrão com uma profunda mensagem: “Uma pessoa vai criar seus filhos segundo ela foi criada, a não ser que seja reprogramada”.

Meu esposo é o vivo exemplo de alguém que foi reprogramado e que acabou com o modelo de disfunção no qual foi criado. Josh definitivamente não foi criado num ambiente de estímulo no qual houvesse modelos positivos. Quando foi pai, teve que começar desde o principio e aprender em como relacionar-se com nossos filhos e como animá-los.

Josh queria ser um pai afetuoso e estava determinado em consegui-lo. Transformou-se num estudioso de famílias saudáveis e observou as formas em que os pais, que ele respeitava, interagiam com seus filhos, leu livro trás livro sobre a educação dos filhos. Tomou a decisão de escutar a nossos filhos, de observar o que era importante para eles e entrar no seu mundo. Eu vi como ele ia a todos os lugares onde nossos filhos estivessem! Para um pai que viajava muito, ele era um pai que assistia aos eventos dos filhos, mais que QUALQUER

outro pai que nem viajava. Ele procurava aquilo que prendia o coração de seus filhos, fosse o basquete ou qualquer outro esporte que praticassem na escola; criar cabritos, atividades grupais dos jovens, colecionar figurinhas ou bonecos do filme “Star Wars”, jogar à comidinha, ir de compras, colorear, atividades recreativas de moto-neve, pular nas camas, etc. Josh sempre esteve presente na vida de nossos filhos e fez com que eles soubessem, de muitas formas criativas, que ele estava interessado em tudo aquilo que era do interesse dos seus filhos.

Numa ocasião, Josh viajou de Europa de avião e, literalmente, no momento em que chegou a casa, levou Katie junto com várias de suas amigas da escola a “Disneyland”. Numa outra ocasião – porque elas o pediram –, Josh deixou que Kelly e sua amiga o penteassem como quisessem e, depois as levou para jantar fora, para que todos vissem seu extravagante e atrevido penteado. Ele teve coragem e transformou-se num herói para as meninas! Em outra ocasião, no mesmo dia em que morreu o cachorrinho de Heather, levou-a à loja de mascotes para comprar-lhe um novo cachorrinho.

Estou muito orgulhosa de Josh e das decisões que ele tomou, apesar de que nunca teve um modelo a seguir. Nossos filhos sempre estiveram antes que seu trabalho ou seus próprios interesses. Isto deu bons resultados na vida de nossos filhos. Agora ele tem quatro filhos que o amam intensamente e que se sacrificam por ele. Pais, já decidiram aproximar-se ao mundo dos seus filhos? De aqui a pouco eles sairão de casa e o tempo não volta atrás. Sempre haverá trabalho mas não sempre estarão presentes esses pequenos seres aos que

possam impactar e influenciar, como só você, seu pai, pode fazê-lo. Espero que pensem seriamente nisto e que tenham a intenção de tomar a mesma decisão que meu esposo tomou. Nossos filhos e eu ficamos muito agradecidos porque ele decidiu “entrar no mundo deles”.

Quando Kelly era criança, gostava muito das ciências e participava em ginástica e em muitas outras atividades. Ela lembra-se de como sua mãe e eu entramos no mundo dela. “Meus pais sempre assistiam os diferentes eventos nos que eu participava, depois comentavam sobre eles comigo, animavam-me e me apoiavam. Eles realmente desfrutavam de estar comigo! Houve um tempo em que três de nós, seus filhos, jogávamos futebol, mas em diferentes times. Às vezes, tínhamos que ir a seis jogos na semana e viajar meia hora para cada jogo ou treinar. Não consigo imaginar como assistir tantos jogos ou ir de um treino para outro podia ser divertido para uma mãe, mas cada vez que íamos minha mãe dizia: “É mesmo, hoje é dia de futebol! Vai ser muito divertido! Vamos torcer por você”.

Katie sempre foi muito atlética e aventureira, é por isso que uma de suas lembranças favoritas é uma aventura em “snowboard” (deslizar-se numa ladeira cheia de neve). “Nos meus primeiros anos no ginásio adorei praticar ‘snowboard’. Durante o inverno íamos a Colorado e, um dia, meu pai levou-me para beber uma xícara de chocolate bem quente, depois fomos para uma loja onde vendiam artigos para praticar ‘snowboard’. Meu pai comprou-me meu próprio deslizador e umas botas! Ele revisou que fosse o equipo e a medida correta, que as botas ficassem bem e que o desenho estivesse de

moda. Vimos todos os deslizadores, as fitas para segurar as botas, a tábua e todos os acessórios. As botas tinham que fazer jogo com o deslizador! Outra surpresa que meu pai me deu, foi que conseguiu que o ganhador do Campeonato de snowboarding do Estado de Colorado me ensinasse este esporte! Uns dias depois Heather e eu fomos à montanha sozinhas e, numa das últimas vezes que subimos a montanha para deslizar-nos, sentadas na cadeira teleférica, vimos que papai estava sentado em outra cadeira. Heather e eu ficamos de boca aberta! Meu pai nunca antes em sua vida tinha esquiado! Ele queria surpreender-nos! Quando chegássemos ao topo da montanha ele esquiaria conosco! Sei que provavelmente, isto não fosse tão emocionante para ele, mas como sabia que seria divertido para Heather e para mim ele o fez. Isto sempre ficou gravado em minha mente”.

Heather é muito criativa e artística é apaixonada por diversas coisas e interesses. “É muito provável que tenha mudado mais de um milhão de vezes o que eu queria ser quando fosse maior – disse-nos recentemente –. Tenho flutuado entre ser veterinária, artista, trabalhadora social, professora ou bailarina. Qualquer coisa que você pensar, isso, eu queria ser! Cada vez que eu ficava emocionada por qualquer carreira para estudar, meus pais também ficavam emocionados, e tentavam aprender sobre ela. Duvido que minha mãe tenha estado interessada nas diferentes raças de cachorros que eu estava estudando, mas ela ficava emocionada porque isso me emocionava. Quando quis ser pintora, meu pai comprou-me livros sobre arte. Levou-me a várias exposições de arte locais e, minha mãe,

ajudou-me a encontrar os melhores materiais para pintores. Deram-me a liberdade de explorar diferentes oportunidades para que eu pudesse descobrir o que queria ser”.

Sean lembra que: “Meu pai era incrivelmente considerado e tinha toda a intenção de descobrir o que é que era importante para mim, seja fazendo coisas comigo ou procurando que eu as realizasse, enquanto viajávamos juntos. Levo-me ao Campeonato de basquete ‘Final Four’, praticávamos juntos com a bola e estive presente em meus jogos. Muitos pais querem que seus filhos se interessem no que é importante para eles, não para seus filhos. Meu pai encontrou a forma de fazer coisas especiais comigo, coisas que eram importantes para mim”. Amar não é procurar nossas próprias satisfações.

Depois de anos de trabalhar com jovens, a Campanha Nacional para a Prevenção de Gravidez não Planejada em Adolescentes nos Estados Unidos fez uma observação precisa e de muita ajuda: “...que nós, como pais, precisamos urgentemente de apoiar e de estar interessados no que é importante para nossos filhos. Assistir a seus eventos esportivos; aprender sobre seus ‘hobbies’; estar contentes por seus logros, por menores que sejam; fazer-lhes perguntas que mostrem que estamos interessados neles e que são importantes para nós. Só assim poderemos saber o que é que está acontecendo na vida deles”.

RENDIÇÃO DE CONTAS

Todos devemos justificar nossas ações perante Deus. Paulo disse: “Temos, porem este tesouro de vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não da nossa parte” (2 Coríntios 4:7 AA). A vida que vivemos não tem nada a ver com nós mesmos, mas com Deus, o nosso Criador. Jesus deu aos seus discípulos a Grande Comissão e o Maior Mandamento (Mateus 28:18-20 e Mateus 22:34-40) nos quais os discípulos tinham que justificar suas ações. Olhem como Davi descreve os limites que Deus estabelece: Percorrerei o caminho de teus mandamentos, quando dilatares o meu coração” (Salmo 119:32 NVI-PT). Ao procurar realizar a grande comissão e o mandamento mais importante, quando disciplinamos a nossos filhos, também estamos mostrando-lhes o propósito que tem aqui na Terra.

Para estar em contato com nossos filhos, precisamos mostrar-lhes afirmação, aceitação, apreço, afeto, estar disponíveis e ter um sincero entusiasmo para aproximar-nos ao seu mundo. Mesmo assim, se não fizermos um balanço de estes pontos de aproximação com nossos filhos ao fixar limites, quanto o amor, não apreenderão a ser responsáveis. Quando, com amor, fazemos com que nossos filhos justifiquem suas ações, estamos dando-lhes um sentido de responsabilidade. Assim, pois cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus (Romanos 14:12 AA).

Ao render contas de nossas ações, damos os parâmetros dentro dos quais um jovem pode atuar de maneira confiada e segura. Os jovens precisam da autoridade amorosa dos pais e de outros adultos que se preocupam por eles, para que apreendam a tomar as decisões

corretas e com responsabilidade. Infelizmente, sem estes parâmetros, só haverá confusão e caos.

Seja que estejamos disciplinando a um menino ou a um adolescente, a base para poder discipliná-lo de maneira eficaz é diretamente relacionada com a qualidade de relação que tenhamos estabelecido com ele, com esse filho.

O pai é o primeiro responsável em desenvolver uma relação positiva com os filhos. Geralmente, no contexto de uma relação afetuosa e de apoio, as regras serão mais eficazes e obedecidas do que numa relação onde não há afeto e aceitação genuínos.

A melhor maneira de preparar os filhos para que justifiquem suas ações a Deus é responsabilizando-os desde já. Você é a imagem viva, como pai terreno, da grande realidade de Deus como o supremo e eterno Pai. Nossos filhos, ao justificar-se ganham um sentido de autocontrole e responsabilidade, além de se sentirem amados. No entanto, se os pais esperam e/ou exigem que os filhos o façam, mas o relacionamento é débil, só fará com que eles se rebelem.

Nossos filhos vivem em um mundo que lhes oferece inúmeras oportunidades para que tomem decisões que afetarão seu futuro, seja de uma maneira positiva ou negativa. Como pais amorosos, nossa responsabilidade é ajudá-los a tomar decisões sábias. O Date Safe Project (Projeto Encontros Amorosos Seguros), há pouco disse: “Os filhos gostam de ser ‘escutados’”. Façam-lhes perguntas, escutem-nos com mente aberta e depois tenham conversas positivas com eles. Quando seu filho sinta que tem uma ligação especial com você e entenda ‘por que’ é que você tem certas regras ou crenças tão firmes,

é provável que acredite mais em VOCÊ do que em seus amigos. Além do mais, quando compreenda 'porque' não deve fazer certas coisas, terá uma verdadeira razão para dizer 'NÃO' quando for pressionado por seus amigos (em vez de só dizer: 'porque meus pais disseram que não devo fazê-lo'). O seu filho VAI QUERER dizer NÃO, quando ele achar que NÃO é a resposta correta!”

Quando Dottie era adolescente descobriu que um dia ela precisaria exigir que seus filhos se justificassem. “Quando penso no significado de render contas, lembro-me de como foi que nós manejamos o fato de fixar a hora para o regresso a casa de nossa filha mais nova, depois de ter saído para namorar. A hora em que ela devia voltar a casa foi estabelecida pelo sistema de ‘rendição de contas’. Vou mencionar como foi que se deu: Quando eu era adolescente e comecei a sair para namorar, meus pais queriam que eu soubesse que eles confiavam completamente em mim, foi assim que me deram o privilegio de que eu escolhesse a hora razoável para voltar a casa. O único problema era minha imaturidade ao lidar com certas situações. Quase não tinha experiência quanto a sair para namorar e, lembro ter desejado que meus pais marcassem a hora para voltar, e assim, eu poderia deitar a culpa neles, quando não quisesse ficar mais com o garoto e voltar a casa! Assim foi como, ao lembrar disso, Heather teve que participar no processo de decidir a que hora devia voltar de uma cita amorosa. Perguntávamos a nossa filha o tipo de evento que ela assistiria, se iriam a jantar e, qual, segundo ela, seria a hora apropriada para voltar. Se ela percebia que não poderia chegar na hora marcada, devia telefonar-nos antes da

hora estabelecida, para poder marcar outra hora. Pensamos que isto era justo. Ela podia opinar, no entanto, a hora que marcávamos era decidida por nós três, em equipe. Achávamos que era uma forma eficaz de comunicar-lhe que confiávamos nela e ao mesmo tempo, a animávamos a ter a responsabilidade e que se justificasse”.

Kelly se lembra: “Meus pais me disseram claramente o que esperavam de mim e quais eram meus limites. Eles deram-me a suficiente liberdade já que eu me guiava pelo que eles esperavam de mim, no caso contrario, havia pautas a seguir por meu bem e seguridade. Quando tomava decisões erradas, eles estavam ai para apoiar-me e, também, para ajudar-me a reconhecer em que foi que errei”.

Heather atravessou por uma temporada muito difícil quando estava no ginásio. Ela reflexiona: “Meus pais de uma forma amorosa faziam com que nós nos justificássemos, isto nos dava a liberdade de falhar e nos desafiava para que tivéssemos êxito. Durante meu penúltimo ano estava muito mal em química, não importava quanto estudasse, não entendia a matéria. Lembro que me convidaram para jantar fora, viram minhas notas e me perguntaram: 'Que podemos fazer por você? Em que podemos ajudar?'. Eu estava tão desanimada, pensava que não haveria uma forma para que pudesse aprovar e, pedi a meus pais que me conseguissem um professor que me ajudasse. Marcamos uma data-meta na para melhorar minhas notas. Eles não me deixaram sozinha e, felizmente, passei química! Meus pais sempre

estiveram ao meu lado e me apoiaram, finalmente, acabei gostando de química!”

Embora Sean lutasse porque não entendia alguns dos limites que fixávamos, agora, ele vê os resultados de viver dentro dos limites dessa liberdade. “Quando penso em meus amigos y vejo as consequências que houve nas suas vidas, consequências causadas pelas decisões destrutivas que tomaram, penso também em que seus pais não estabeleceram limites nem fizeram com que eles se justificassem. Também vejo que meus amigos teriam gostado que seus pais lhes fixassem alguns limites. Sei que foi difícil aceitar que meus pais me dissessem NÃO, em meus anos no ginásio, mas agradeço que esses limites evitaram que eu me fizesse dano. Ao madurecer, durante esses anos no ginásio, meus pais aos poucos, foram tirando alguns desses limites para que eu pudesse começar a tomar decisões por mim mesmo. Depois, em meus anos da universidade, soube como manejar minha liberdade de forma responsável, meus pais fixaram-me limites levando em conta o esforço que eu fazia quanto aos meus estudos, minhas atitudes, minha sexualidade, etc. Estes limites estavam fortemente influenciados pelo amor, o afeto e o apreço que enfatizavam meus pais”. É assim que cada um de nós terá que justificar-se a Deus.

CONCLUSÃO

Como é o seu relacionamento com seu filho? Qual dos sete princípios para estabelecer vínculos de amor com seus filhos, dos quais já falamos neste capítulo, poderia ajudá-lo? Escolha um e comece a praticá-lo: afirmação, aceitação, apreço, estar disponível, afeto, estar por perto do mundo do seu filho e que este se justifique. Durante a seguinte meia hora planeje como vai realizar esse princípio nas seguintes vinte e quatro horas e, assim, estar em contato com seu filho. A seguir algumas das ideias com as que você pode começar.

1.- Afirme seu filho perguntando-lhe que foi o mais difícil que ele fez na última semana; isto fará que ele se sinta mais seguro (afirmação). Escute-o com atenção, reconheça e valora os sentimentos que ele expresse.

2.- Aceite seu filho, ao não falar com ele de coisas que normalmente irritam a você: a forma em que se penteia, seu tom de voz, o quarto desordenado ou um hábito que tenha.

3.- Aprecie seu filho, comente com ele o bom que tenha feito na última semana. Reconheça esse logro, escreva-lhe uma cartinha no computador, ou um bilhete feito a mão, um balão ou um troféu que compre numa loja de artigos para festas.

4.- Mostre-lhe afeto a seu filho expressando-se em forma verbal ou física e faça-o uma dúzia de vezes na seguinte hora.

5.- Esteja disponível para seu filho e deixe de fazer algo que geralmente goste de fazer (assistir o programa favorito de televisão, malhar, encontrar-se com um amigo para um cafezinho), em vez de realizar essa atividade façam juntos algo que ele goste de fazer (assistir um vídeo, jogar basquete, jogar a comidinha, jogar com seus bichos de pelúcia, etc.).

6.- Entre ao mundo do seu filho e escutem juntos a música preferida dele.

7.- Faça com que seu filho se comprometa com você ao marcar uma data ou hora limite para completar uma tarefa ou trabalho em casa; depois, ajude-o a cumprir com esse compromisso.

Desenvolva um plano! Ponha em papel que é o que vai fazer e quando. Como estar preparado? Por exemplo; se vai dizer-lhe algo meigo e afetuoso uma dúzia de vezes em sessenta minutos, talvez antes queira fazer um listado com as ideias do que vai dizer. Também, formule um plano a longo prazo! Isto não é algo que vai acontecer rapidamente, mas, uma aventura interminável para apreender a amar a seus filhos de maneira eficaz.

Um pedido final: “Nunca é tarde demais para melhorar a relação com um filho muito novo ou um adolescente. Não subestime a necessidade que os filhos têm – em qualquer idade – de desfrutar de uma relação carinhosa com seus pais, e do conselho, da aprovação e do apoio que só eles lhes podem dar”.

